



**Universidade Federal da Paraíba**  
**Centro de Ciências da Saúde**  
**Departamento de Ciências Farmacêuticas**  
**Programa de Educação Tutorial (PET-FARMÁCIA)**  
**Tutora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Leônia Maria Batista**  
**Bolsista: Fernanda Ellen Constantino da Silva**



### **Resenha: Martin Heidegger: Humano, demasiado Humano**

O documentário “Martin Heidegger: Humano, demasiado Humano” criado no ano 1999, foi produzida pela indústria televisiva BBC em formato de série documental de título “Humano, Demasiado Humano” que contém três episódios/documentários abordando nomes conceituados na filosofia. O longa metragem reúne entrevistas, depoimentos de familiares, filmagens e opiniões de historiadores e filósofos sobre o brilhantismo intrigante e tenebrosamente contraditório da vida, obra e feitos de Martin Heidegger.

Ao iniciar pela sua proposta filosófica o filme se mostra dedicado a fazer compreender a grandiosidade do livro “Ser e Tempo” publicado no ano de 1927, em que Heidegger propõe o questionamento de definições e relevância postuladas como o de tempo e espaço, no qual o segundo para ele se mostra irrelevante quando comparado a individualidade e protagonismo do ser. Os comentários sobre sua obra de vida são muito positivos, na qual filósofos comentam ser talvez esta produção um marco, ou que talvez pudesse ter sido se seu nome não houvesse ficado marcado de modo negativo na história.

Martin Heidegger, acusado como o gênio na escrita também foi, anos depois, considerado louco por admiradores de sua filosofia. Com a ascensão de Hitler ao poder na Alemanha nazista, Martin encontrou a oportunidade de revelar seus piores lados, o que durante o documentário são revelados a partir de documentação e entrevistas seu posicionamento antisemita, apesar disso ser negado pelos familiares há manuscritos utilizando palavras ofensivas relacionadas a esta hostilidade, e a sua admiração por Adolf Hitler reconhecida por historiadores e cartas encontradas.

Além disso, Heidegger usou de seu prestígio por lecionar universitários para induzir aos seus alunos a associação ao partido nazista e introdução nesses pensamentos políticos. Ainda dentro da própria universidade, ele utilizou de cartas para entregar colegas profissionais as autoridades, pelo não afeiçoamento e entusiasmo ao movimento comunista que ganhava cada vez mais força na Alemanha. Apesar de não estar a frente das intervenções trabalhou em prol do partido e demonstrou devoção ao líder político militar inclusive no período da guerra.

Com o fim da guerra, todo o seu prestígio se desfez e com medo da repercussão ele se isolou durante um período de tempo e depois retornando negou comentar sobre as atrocidades que foram cometidas no regime nazista nunca falando, por exemplo, dos holocaustos. Ao ser interrogado, foi indiferente e graças a antigos amigos sua pena foi apenas o afastamento temporário da universidade da qual já havia sido reitor, anos depois retornando a ocupar a docência universitária seu nome foi novamente prestigiado por influência de amigos próximos que alegaram que ele havia problemas de sanidade. Atualmente, historiadores e filósofos se sentem divididos, entre aclamá-lo como grande autor filosófico ou repudiá-lo pela sua má contribuição e envolvimento a política genocida, como foi no regime de Hitler.